

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

REDES SOCIAIS, O FENÔMENO:

Compreendendo a importância das relações rizomáticas e da linkania dentro da sociedade
virtual

RODRIGO CRUZ SILVA

Rio de Janeiro

2010



Rodrigo Cruz Silva

REDES SOCIAIS: O FENÔMENO

Compreendendo a importância das relações rizomáticas e da linkania dentro da sociedade virtual

Monografia apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Sandra Albernaz de Medeiros

Rio de Janeiro
2010

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é dedicado a todos os verdadeiros mestres que me acompanham ao longo dessa trajetória, sejam eles discentes, familiares, amigos ou teóricos com os quais tive contato. Agradeço a todos, do mesmo modo que agradeço às trocas que experimentei com o humano, pela oportunidade que me deram em me ensinar o real valor daquilo que constitui o valor maior na vida: a capacidade de amar e construir laços significativos de afeto. Ao amor, a esse sentimento inexplicável e tão forte que me impulsiona nas batalhas diárias e inglórias neste mundo tantas vezes estéril, frio e impessoal. E, especialmente, a quem me ensinou a amar incondicionalmente, sem máscaras, fraudes ou platonismo.



EPÍGRAFE

A vida é breve, a alma é vasta.

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Este trabalho final busca investigar um fato inexorável dentro da sociedade em que vivemos, entendido pela necessidade dos indivíduos em relacionar-se em redes. Por conta dos incrementos oferecidos pelas tecnologias da informação e computação, a oferta de interação e conectividade passa a ser cada vez mais imediata e massificada, o que nos leva a um momento de imersão inédito na história da humanidade, rompendo as barreiras espaço-temporais e proporcionando novos arranjos sociais, políticos, profissionais, educacionais e afetivos.

Dessa forma, há que se entender como se estrutura esse novo modelo social cada vez mais pautado pela ramificação de idéias, saberes, valores, opiniões e desejos, expresso na forma de atuação individual no plano das redes sociais, de modo a permitir que acompanhem tais mudanças na velocidade em que elas se revelam na contemporaneidade, evitando um utopismo excessivamente romântico das possibilidades que o mundo virtual nos oferece, bem como uma tentativa de “demonização” de tal realidade que, por mais efêmera que pareça, permeia nosso cotidiano de maneira indelével e nos leva a novas configurações nas relações sociais e nos campos do afeto.

Palavras-chave: rizoma, redes sociais, “linkania”, Web 2.0

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1:	
A Sociedade em Rede:	
A Internet, as Redes Sociais e o Seu Histórico.....	11
CAPÍTULO 2:	
O Indivíduo na Rede:	
Um relato investigativo	20
CAPÍTULO 3:	
Conclusão.....	27
Referências.....	31

Introdução

O trabalho procura analisar o ambiente das redes sociais e suas interrelações através de uma perspectiva etnográfica amparada na investigação do espaço virtual. A escolha por essa metodologia se deu, pois eu mesmo enquanto usuário da Internet e freqüentador de algumas das redes sociais envolvidas teria como compreender melhor como as mesmas se estabelecem e poderia aplicar a minha vivência anterior nesta prática de investigação de um fenômeno para o qual não se pode virar as costas nos tempos atuais.

Dessa forma, optei por mapear as redes sociais e comecei a analisar o meu próprio comportamento dentro delas. Comecei a questionar sobre os reais motivos de buscar uma conexão com pessoas que estavam muitas vezes separadas por quilômetros de distância, procurando uma imersão em uma realidade que, para muitos, é vista como irreal, efêmera ou ilusória. Por outro lado, percebia o espaço virtual como um campo riquíssimo em possibilidades de troca, pois o que prevalece neste campo são as possíveis identificações, ou a convergência de visão, de maneiras de encarar a realidade.

Ninguém acessa uma página na Internet, ou “clica” em um perfil de outra pessoa por mera obrigação, na realidade, o fenômeno se estabelece de maneira inversa. As pessoas singram entre janelas, fotos, frases de efeito e ali permanece por encontrarem algum tipo de eco, de identificação, algo tão raro, apesar das inúmeras ofertas de conectividade. No fundo, a impressão que me dá é que todos somos ilustres desconhecidos no meio da multidão, e, ao mesmo tempo, vivemos sequiosos por conhecer o outro que não se revela, ou se revela fragmentado através de um avatar (uma imagem projetada no espaço virtual).

Com base nesse motivo, não me cabia alternativa melhor senão empreender a pesquisa etnográfica no campo virtual, pautada pela minha própria experiência pessoal. Por isso, devo relatar também qual o meu grau de imersão nesse mundo tão diáfano e, contraditoriamente, tão rico em experiências pessoais e afetivas. Muitos se revelam quando estão atrás de uma tela, quando usam as palavras como escudo, muitos se permitem ser o que não são, ou aquilo que escondem.

Logo, volto à minha história pessoal. Tive meu contato com a Internet no final de 1996, quando as conexões eram lentas e precárias, o que não reduziu o meu gosto pelo contato virtual e pelas múltiplas possibilidades que, mesmo naquele período incipiente, já se aventavam aos meus

olhos e englobavam os meus pensamentos. Ao longo dos anos, fui me concentrando principalmente em decifrar, ou compreender as motivações dos indivíduos por detrás da máquina, quer por timidez, quer por excentricidade. Não importava, mas para mim, sempre contou muito mais o aspecto humano e as possibilidades de construção de afeto, mesmo que pautadas pela aparente frieza de cabos, placas-mãe, bytes e bits de informação.

Por esse motivo, nunca fiz muita distinção entre um amigo de escola, vizinho, parente, ou aquela pessoa que se comunicava comigo através de um link digital. Creio ser pelo mesmo motivo que não me interessem em decifrar os sistemas binários, mas sim os códigos humanos daqueles que transitavam, criavam e alimentavam o espaço virtual. Com o tempo, as regras de conduta (chamadas de “netiqueta”) passaram a me interessar, pois lhe permitiam perceber como as pessoas podiam se manifestar de maneira direta ou sub-reptícia dentro deste espaço virtual, incompleto, fragmentado e, talvez por isso, tão múltiplo e dado à convergência (de idéias, de opiniões, de valores e afetos).

Por isso não poderia escolher outro tema que não fosse este para concluir um curso de Ciências Humanas, especialmente na Pedagogia, saber tão fortemente amparado na força do afeto, na importância da interação, afinal, ninguém aprende sozinho, todos tem algo a oferecer.

Logo, não caberia outra possibilidade que não fosse, torno a dizer, empreender a pesquisa de cunho etnográfico, visto que:

A etnografia, em sua forma básica, consiste em que o pesquisador submerja no mundo que estuda por um tempo determinado e leve em consideração as relações que se formam entre quem participa dos processos sociais deste recorte de mundo, com objetivo de dar sentido às pessoas, quer esse sentido seja por suposição ou pela maneira implícita em que as próprias pessoas dão sentido às suas vidas. (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 35)

Ao me debruçar sobre o trabalho, fui acometido por uma série de conflitos e questionamentos de grande importância. Como filtrar tanta informação, pois estava bombardeado pelos dados, pensamentos e questões típicas da hiperconectividade? Como falar sobre o tema sem evitar a exposição da minha própria pessoa. Assim, ao analisar a estrutura da investigação

etnográfica, pude solucionar um dilema essencial, que tratava do distanciamento do sujeito reflexivo e agente do trabalho (eu mesmo) e o objeto investigado (o espaço virtual). Ao reconhecer na idéia de uma “netnografia”, ou etnografia virtual, me confortei sabendo que seria impossível falar de tal tema sem deixar de abarcar minhas próprias experiências.

Então, passei a empreender uma investigação sobre a minha conduta dentro da rede, voltando à reflexão inicial, mas empregando um rigor maior nos objetivos deste trabalho. O que eu buscava descobrir, ou comprovar? Onde eu desejava chegar com esta pesquisa?

As dúvidas me atormentavam, me impediram de produzir muita coisa. Por muitas horas permaneci estático defronte ao computador, pensando, pensando, sem chegar a qualquer conclusão. Tive idéias que julgava geniais, porém eram rechaçadas por mim mesmo, ao considerá-las inexecutáveis. Pensei em criar um blog apenas para a divulgação do trabalho, mas será que as minhas experiências anteriores nas relações virtuais seriam descartadas ao fazê-lo?

As conclusões começaram a irromper quando, percebi que a questão central da minha busca na Internet tratava do afeto, da troca, do contato com o outro. Interrompo minha reflexão pessoal ao analisar, de acordo com Back (1951), como os grupos se relacionam psicologicamente, sendo entendido como o aspecto de “atração pessoal entre componentes”.

Em suma, eu buscava na Internet pessoas que fossem um pouco de mim, que estivessem ali não necessariamente por serem semelhantes, mas que talvez tivessem as mesmas motivações. Ao perceber isso, estava começando a destrinchar o novelo, a encontrar o “Fio de Ariadne” que me permitiria sair do labirinto no qual a minha mente havia se perdido.

Afetos, desejos, sonhos, tudo isso se mistura na Grande Rede, tudo isso se funde, se mescla. Ao optar por investigar como o rizoma, o conhecimento interrelacional, as trocas simbólicas, a noção de que o mundo das idéias, “de onde se atualiza o virtual”, segundo Pierre Levy (1996), é sempre mergulhado no elemento do afeto, consegui superar o bloqueio no qual estava cativo.

Dessa forma, pude perceber como operam de fato, os coletivos humanos, calcados e amparados no *afeto*, nos afetos, nos gostos e nas impressões. Através disso, me reporto a este trabalho para propor a investigação do *rizoma (ou do saber rizomático) e da “linkania” (discutida a seguir) como mediadores e propagadores do afeto no espaço virtual.*

Assim, o objetivo deste trabalho se encontra traçado e diz respeito à necessidade de investigação das redes sociais como agentes afetivos e promotores de uma integração de um

mundo tão estéril, tão árido, mas onde as pessoas, conforme mencionado anteriormente, caminham, navegam, clicam, acessam ávidas e sequiosas por trocas autênticas, ainda que permeadas por uma interface virtual.

Para desempenhar esta pesquisa, me senti forçado a expor toda a minha vida virtual, que se mescla de maneira indelével com a real, apesar de uma certa resistência ao exibicionismo. Assim sendo, desisti de entrevistar outras pessoas e passei a escrutinar a minha conduta pessoal, recorrendo a ela para abordar o próprio espaço virtual, partindo das minhas experiências como instrumento de comprovar algo que é muito maior do que o próprio indivíduo, ou seja, o desejo e a sensação de pertencimento, condição cada vez mais tênue e, paradoxalmente, cada vez mais importante ao sujeito da modernidade (ou talvez da “supermodernidade”).

Marc Auge vai emitir uma consideração que auxilia nessa percepção do que pode ser visto como (super) modernidade, quando entende que:

“A antropologia pós-moderna origina-se (paguemo-la na mesma moeda) de uma análise da supermodernidade cujo método redutivista (...) não passa de uma expressão particular.

Nas sociedades ocidentais, pelo menos, o indivíduo quer um mundo para ser um mundo. Ele pretende interpretar por e para si mesmo as informações que lhes são entregues.” (AUGÉ, 1994, p. 38)

Somente através do reconhecimento deste campo de expressão de “um mundo para o meu mundo interno” é que se tornaria possível discorrer sobre a possibilidade de estabelecer vínculos no campo virtual, mundo por mim escolhido para promover as trocas diáfanas em miríades de sonhos, desejos e experiências. Por esse motivo, o espaço virtual se configura como cenário privilegiado, pois constitui a expressão máxima da (super) modernidade.

Capítulo 1:

A Internet, as Redes Sociais e seu histórico.

Podemos afirmar que redes sociais fazem parte de um arranjo já presente nas sociedades humanas desde que as mesmas se estruturam. Não é possível precisar exatamente quando os indivíduos começaram a se agrupar de acordo com interesses em comum, fossem estes profissionais, afetivos, de classe ou ideológicos.

De acordo com tal premissa e considerando como as culturas se disseminam através das interações e demais modalidades de trocas sociais, fica evidente que a necessidade humana de se agrupar em redes, reforçando uma noção de “pertencimento” (a determinado grupo, estrutura social ou instituição), vem se constituindo como uma ferramenta crucial no desenvolvimento das sociedades ao longo da história da humanidade.

Porém, o que se verifica na transição entre os séculos XX e XXI, notadamente marcados pela explosão da interação entre indivíduos, grupos, instituições, idéias e crenças, através dos incrementos tecnológicos no campo da informação (especialmente nas telecomunicações e micro-informática), é um amplo acesso a toda sorte de intercâmbio, em uma velocidade cada vez mais assombrosa.

A palavra de ordem desta nova estrutura social é “conectividade”, através da qual se torna possível compreender a imersão e a inserção dos indivíduos dentro das redes de relacionamentos que se interpenetram e reverberam constantemente, de modo a fundir com uma intensidade jamais vista os mundos do real e do virtual.

Ao longo deste trabalho, pretendo relacionar o termo conectividade com outro conceito, o de “linkania”, defendido por Hernani Dimantas, que será amplamente discutido a seguir. Por ora, nos reportamos à definição sugerida pelo autor em questão quando o mesmo entende que:

“Falar de linkania é, sobretudo, abrir espaços para possibilidades nas quais reverbera uma “multidão hiperconectada”, movimento de auto-organização do caos. Um pensamento, uma inserção no mundo das idéias e das coisas, a generosidade de *linkar*. O ato, o prazer, o amor de buscar na colaboração uma nova

forma de produzir e ser feliz, de se ver como um link. Tudo isso implica a participação ativa das pessoas em rede, uma troca generosa de links que catalisa a conversação, provoca e solidifica o engajamento em rede.” (DIMANTAS, 2010, p. 22)

Para entender melhor como se processou este fenômeno, é necessário analisar com mais critério a natureza das revoluções tecnológicas, especialmente no que diz respeito à existência e consolidação da Internet. A rede mundial de computadores, interface que envolve o imaginário humano com uma voracidade brutal, permeando conversas cotidianas, redefinindo processos produtivos, políticos, afetivos e culturais, já é um fenômeno inexorável há pelo menos uma ou duas décadas dentro dos principais centros urbanos do planeta.

Mesmo os seus detratores são incapazes de negar tal fato, o que nos leva à necessidade de destrinchar tal fenômeno com maior detalhamento, a fim de compreender seus desdobramentos e como se relacionam estruturalmente na sociedade atual, compreendida como “Era da Informação” e como se estabelecem os processos formativos e interativos dentro dos quais a produção, apreensão e disseminação dos saberes humanos podem ser inseridos.

O embrião deste modelo de sociedade como a entendemos pode ser definido cronologicamente com o advento da micro-informática para uso doméstico, através da disseminação dos computadores pessoais (PCs), entre as décadas de 1970 e 1980. A partir desse processo, é possível então se pensar numa rede de computadores sem interação espaço-temporal.

A transferência de informações e conhecimento pelas BBS (Bulletin Board Systems) era restrita a algumas empresas e centros de pesquisa, cujo propósito era facilitar as transações comerciais ou a produção intelectual. Segundo a enciclopédia virtual Wikipedia, desde a instalação da primeira BBS em fevereiro de 1978, nos Estados Unidos, até o seu ocaso nos anos 90, a tônica geral na maioria dos casos e que contribuiu para o crescimento dessa ferramenta foi o reconhecimento do seu caráter lúdico por parte dos usuários, ainda que alguns operadores de sistema (SysOps) cobrassem pelo acesso.

A abertura da Internet para fins comerciais e não-acadêmicos vem a ocorrer a partir de 1988, com a aprovação do governo norte-americano para o sistema comercial de correio eletrônico e subsequente permissão para a criação de três provedores comerciais de acesso à rede. Ainda segundo a Wikipedia, a partir desses fatos, houve um movimento de integração das redes

privadas com as redes de pesquisa acadêmica, muito por conta da disseminação e adesão ao protocolo TCP/IP, cuja interface com qualquer tipo de rede de comunicação com extrema agilidade, o que também contou com a implementação da grande parte dos sistemas operacionais UNIX.

A etapa seguinte a este processo trata da criação da Grande Rede como a conhecemos, também chamada “World Wide Web”, ou simplesmente web. Sua instalação se deve ao investimento da Organização Européia para a Investigação Nuclear (CERN). O consultor de engenharia de software de tal instituição, Tim Berners-Lee, através de diversas pesquisas ao longo da década de 80, elaborou um programa de armazenamento de informação chamado Enquire que permitiu a estruturação do hipertexto em 1989. A interface hipertextual permitia que as pessoas trabalhassem de maneira colaborativa em documentos digitais dentro da rede, reescrevendo, complementando ou acrescentando novos dados em conjunto. Com isso, Berners-Lee estava catapultando o desenvolvimento da grande rede, que operou internamente no CERN, até sua disseminação global dois anos depois.

Percebemos então como se encerra um ciclo inicial na micro-informática que trata da disseminação e massificação da tecnologia dos computadores pessoais, conforme comentado anteriormente. Lemos (2004) vai corroborar tal percepção, afirmando também que a massificação da Web no período mencionado acima permitirá que se pense em “computadores coletivos” (CCs), ou uma possibilidade de comunicação ubíqua (sem fio e em tempo real, derrubando as fronteiras físico-espaciais), expandindo as possibilidades de conexão entre indivíduo-máquina, indivíduo-indivíduo e até mesmo máquina-máquina.

Dentro de tal concepção, a própria Web é vista como o computador central, de onde se ramificam todas as possibilidades de interação virtual posteriores, graças ao incremento técnico na transmissão de dados físicos (por fibra ótica, “bluetooth” ou satélite) ou através dos softwares e demais redes de relacionamento entre os usuários, tais como: blogs, fóruns de discussão, aplicativos em P2P (“peer-to-peer”, ou seja, transferência de informação par-a-par, de usuário a usuário) que já existiam em menor escala na primeira etapa da revolução no campo da micro-informática.

Assim, podemos compreender como a natureza dessa nova etapa da Web aponta para as múltiplas possibilidades interativas dentro da rede, entendendo-a como um espaço amplo e geral de conectividade, permitindo um fluxo máximo de mobilidade na e pela Web, ressignificando

assim as noções de espaço, distância, privacidade e outras concepções próprias da interação social. Temos então, uma definição para uma outra etapa nas relações da (e na) Internet, definida extensamente por uma série de pesquisadores, usuários, ciberativistas, “hackers” e instituições através do termo “Web 2.0”.

O grande diferencial desta nova configuração da plataforma virtual diz respeito ao uso dos softwares dentro da própria rede, de maneira integrada entre todas as máquinas que possuam uma conexão via Internet. Dessa forma, os programas são agrupados e operam do mesmo modo que os serviços dentro do mundo físico, bastando que você os acesse, em alguns casos gratuitamente e em outros, mediante pagamento, não havendo a necessidade de instalar um programa a cada vez que o acessa de uma máquina diferente, ou seja, prescindindo de um determinado sistema operacional.

Outro conceito também atrelado à noção da Web 2.0 considera a possibilidade de correção, renovação e atualização constante dos softwares e demais aplicativos em tempo real, de acordo com o fenômeno do “Beta perpétuo”. A partir deste fato, os usuários e desenvolvedores de sistemas podem agir como servidores de maneira autônoma, o que acelera ainda mais a velocidade com que os programas se atualizam para atender as demandas dos usuários, contribuindo para a maior eficácia no desempenho junto aos softwares utilizados.

Um exemplo claro e prático desta modalidade de interação entre usuários, que é fortemente amparado pela condição assegurada aos mesmos de servidores e disseminadores, ampliando e sofisticando ainda mais o grande rizoma que é o mundo virtual, são as plataformas em rede P2P, já mencionadas anteriormente, cujo diferencial trata justamente da descentralização das informações nos servidores. Ou seja, cada computador é visto como um servidor em potencial, disponibilizando e absorvendo informações e arquivos, sejam eles de texto, música, imagens, vídeos ou conteúdo, através de trocas livres entre os usuários.

Mesmo as páginas tradicionais da Internet foram levadas à adaptação ao incremento do seu conteúdo por conta da nova revolução no campo virtual, oferecendo maior interatividade aos usuários, através da possibilidade de personalização do seu conteúdo e tornando públicos os comentários dos mesmos e, em alguns casos, oferecendo a chance de uma automoderação (ou autogestão) do espaço virtual, conforme verificamos nos fóruns de discussão ou outras modalidades de redes sociais espalhadas pela grande rede, onde os próprios usuários definem quem, o quê e como a informação, as pessoas e conteúdos deverão circular.

Diante desse cenário, verificamos uma crescente preocupação com a questão da flexibilização da autoria e, de modo análogo, da definição dos direitos de imagem, conforme percebido na iniciativa de “copyleft”, antagônica aos princípios tradicionais do direito autoral, porém própria à perspectiva rizomática tão decantada por Deleuze e Guattari (1995).

A questão da autoria passa a ser vista por alguns entusiastas da liberdade de expressão e da produção colaborativa, de maneira análoga à noção de “cut-up” de Burroughs, por mim entendido como a sobreposição de um texto sobre outro em permanente inacabamento e, ampliando tal noção, passa a incluir também a possibilidade de múltiplas cabeças pensantes como autores.

Vemos então como a abertura, acompanhada pela disseminação de conteúdo na Web 2.0 acaba assumindo valor significativo, através do surgimento de licenças digitais como a Creative Commons e as ações cross-media (fusão da Internet com outras mídias comunicacionais), que serão discutidas e exemplificadas nos capítulos subseqüentes, cuja principal característica trata da reutilização conteúdo informacional por parte dos usuários interessados em fazê-lo. E é nesse cenário que as redes sociais se consolidam como expressão maior da estrutura ramificada de onde derivam as trocas de saberes, afetos, conhecimentos e discursos, constituindo-se como espaço privilegiado da “linkania” que caracteriza a sociedade atual.

Neste cenário, encontramos a proliferação de diversas redes sociais pipocando ao longo do planeta, contando com maior ou menor adesão em diferentes regiões e tratando dos diferentes temas (música, leitura, comportamento, política, relacionamentos, ativismo social, entre outros tantos), mas todas elas contando com uma abrangência verdadeiramente global, estendidas a qualquer região onde se tenha a possibilidade de uma conexão entre computadores via modem.

Visto isso, podemos passar a analisar pormenorizadamente cada um dos representantes das redes sociais selecionados para a realização do trabalho. Vale ressaltar que a escolha se deu obedecendo aos critérios de investigação etnográfica que consideravam o meu grau de envolvimento pessoal e familiaridade com cada um deles, bem como com a sua relevância dentro da sociedade e também com o grau de conectividade (ou “linkania” presente em cada um deles).

Os primeiros deles que serão analisado são os “blogs”, cujo termo data de 1997 e é derivado da expressão “weblog” (ou, gravação na rede, em tradução literal), ferramenta cuja principal função é informar de maneira rápida e contando com atualização imediata sobre um

dado assunto, notícia ou fato, utilizando-se de diversas funções em suas páginas, que podem ser apenas o conteúdo, imagens, vídeos e a rede de colaboração na qual o blog se encontra inserido.

Também faz parte da natureza do blog informar e disponibilizar conteúdos relacionados ao tema inicial de maneira ramificada, indicando através do hipertexto outros sites, blogs relacionados e demais aplicativos que venham a interessar ao navegante. Uma característica marcante dos weblogs é que, mesmo oferecendo a possibilidade de conteúdo eles não exigem um domínio de alguma linguagem específica de programação (como HTML ou Java, as principais modalidades de protocolos virtuais adotadas pelos programadores na rede).

Tal característica contribui para que os blogs sejam vistos e assumam a condição de “diários virtuais”, onde o proprietário do espaço registra suas experiências pessoais e as compartilha com aqueles que o acompanham, porém isso não é uma norma geral, nem tampouco uma obrigatoriedade para definir a atuação de um blog. Existem blogs que são geridos por mais de um proprietário e outros que abordam temas diversos e fogem desse tipo de conceituação.

No país, o principal domínio dentro da Internet dos blogs é o Blogspot (pt-br.blogspot.com), ligado à gigante virtual Google, seguido pelo Wordpress (pt-br.wordpress.com). Ambos os blogs possuem uma elevada autonomia para postagem, apresentando configurações de privacidade que impedem a veiculação de informações quando necessário, bem como uma elevada possibilidade de interação entre os usuários e entre os próprios blogs, pois suas páginas principais indicam quais blogs são mais visitados ou aqueles que receberam atualização recente. O diferencial do Wordpress trata do uso de licença em código aberto, o que facilita a produção de conteúdo para aqueles mais familiarizados com a linguagem de programação, conferindo um caráter mais “jornalístico” ao domínio.

No segundo capítulo, nos debruçaremos sobre a natureza de alguns blogs dentro da interface do Blogspot, visto que mantenho nele um blog desde novembro de 2007 chamado “Desafiando a Morte” (www.desafiandoamorte.blogspot.com), cuja proposta central é falar sobre e publicar poesia, intercalando publicações de minha autoria com as de outros autores, consagrados ou não.

A aglutinação entre os diferentes blogs contribuiu para a definição de um termo muito apropriado que corresponde à compreensão do rizoma dentro do espaço virtual e, por conseguinte, à idéia de “linkania”, que é expressa na noção de “blogosfera”, entendida como uma congregação de blogs, ou uma comunidade global de blogs e suas interrelações. Segundo o portal Wikipédia,

existem cerca de 112 milhões de blogs e o crescimento é diário, em torno de 120 mil novas adesões à blogosfera.

Outra ferramenta de destaque no campo das redes sociais é o Twitter (www.twitter.com), criado em 2006 e que vem se constituindo como um verdadeiro divisor de águas na relação da Internet com a sociedade civil, especialmente no campo midiático, motivo pelo qual vem recebendo muita atenção de grandes empresas e marcas desejosas por associarem-se ao microblog.

Por se tratar de um misto de “microblog” (cujas publicações ou “postagens” são limitadas a 140 caracteres por vez) com rede de relacionamentos, pois cada membro pode, concomitantemente, “seguir” (acompanhar as postagens dos outros usuários) ou ser seguido (apresentar suas próprias postagens no perfil do seguidor), o Twitter constitui uma ferramenta extremamente ágil para informar pessoas em larga escala sobre fatos cotidianos, que podem passar pelos resultados eleitorais em um país com pouca visibilidade, incidentes em locais afetados por desastre naturais, crises na esfera civil e até mesmo, para burlar determinadas leis, dependendo da intenção de quem o alimenta.

Através do recurso dos Trending Topics (uma lista dos perfis e comentários mais acessados em todo o mundo), os usuários passam a saber o que anda acontecendo na esfera global através desse indicativo, pois a informação é disseminada de maneira exponencial e instantânea. Por esse motivo, seguir as pessoas que estão altamente inseridas dentro dessa rede social, pode assegurar uma futura adesão ao seu perfil, de acordo com o seu grau de imersão dentro do microblog.

Apesar de algumas críticas à sua superficialidade, é inegável o impacto do Twitter como ferramenta inicial de acesso à informação, principalmente no que diz respeito às manchetes e atividades de cobertura rápida, motivos pelos quais certos veículos da imprensa recorrem a ele com demasiada frequência, como forma de conseguir maior agilidade em sua cobertura.

Também é interessante declarar que em setembro de 2010, durante minha pesquisa para este trabalho aderi ao microblog, através do perfil @rodrigo_zer0 (ao acessar o microblog, todos os apelidos são antecidos de uma “@”) ou www.twitter.com/rodrigo_zer0, na tentativa de me familiarizar com esta interface comunicacional e venho encontrando resultados interessantes, que serão detalhados no capítulo a seguir.

Um outro exemplo lapidar da força das redes sociais pode ser visto na história do Facebook (www.facebook.com ou www.facebook.com.br), criado em 2004 por Mark Zuckerberg, à época um estudante norte-americano da Universidade de Harvard. Inicialmente, a rede social surgira com o propósito de congregar estudantes universitários de diferentes pontos do território norte-americano, porém logo a iniciativa se disseminou, de modo que os administradores passaram a ampliar o acesso à rede, de modo que atualmente o Facebook conta com cerca de 500 milhões de membros desejosos em compartilhar sua intimidade no espaço virtual de relacionamentos.

O Facebook dispõe de elementos variados das redes sociais, como uma ferramenta de bate-papo, espaço disponível para publicação de álbuns de fotos e de vídeos, aplicativos variados de entretenimento como jogos, quizzes (atividades de perguntas e respostas), lista de preferências (que podem ser musicais, gastronômicas, de consumo, geográficas, culturais ou políticas) e uma listagem de eventos onde o usuário pode confirmar sua presença ou justificar uma eventual ausência.

Com este perfil, fica evidente o apelo crescente que a rede social dispõe e como ela consegue dialogar com relativa facilidade com o dito mundo real. Há também uma ferramenta de busca por usuários ou temas dentro do Facebook que é muito utilizada, além de o próprio domínio indicar pessoas com interesses ou amigos em comum para que você venha a optar por adicioná-los.

O meu acesso ao Facebook data do segundo semestre de 2009, desde quando mantenho o seguinte perfil (<http://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100000445624415>), ou através do meu nome (Rodrigo Cruz Silva), através do qual pude reunir amigos de vários contextos diferentes (época de escola, colegas de faculdade, familiares, parentes e pessoas a quem admiro).

Há uma outra rede social que, apesar de não congregar tantos usuários, merece destaque pelo seu perfil específico, chamada Skoob (www.skoob.com.br), cuja peculiaridade é ser uma comunidade virtual de leitores e escritores. Sua interface é voltada para a criação de perfis onde cada membro lista os livros que leu, gostou e prefere, seguido de comentários e avaliações em uma escala de zero a cinco sobre cada obra. Além do perfil, o usuário pode informar quais livros está lendo, quais pretende ler e até mesmo qual deles você desistiu de ler, de acordo com o que preenche em sua estante. Com base nesse intercâmbio de dados sobre a leitura, percebemos como o mercado editorial brasileiro se beneficia do acesso a estas informações, visto que, os usuários

também realizam encontros regionais periódicos a fim de trocar impressões sobre o que andam lendo ou o que desejam ler.

Finalmente, a última rede social a ser investigada é o Avaaz (avaaz.org), uma rede social que aborda o ativismo político em todo o planeta, contando com agentes de diversos movimentos sociais em mais de 50 países, espalhados por todos os continentes. Sua atuação se dá através de extensa mobilização virtual, envio de petições online, informativos e outras atividades de intervenção para obter retorno para as causas que defendem.

Contando com a mobilização de um grande grupo de voluntários, a instituição age de maneira independente e sem fins lucrativos, ou apoio de grandes corporações, além de contar com uma gama de atividades para sensibilizar e se fazer ouvir pelos governos, veículos midiáticos e demais integrantes da sociedade civil para pressionar por suas lutas em diversos campos (racismo, exclusão, pobreza, combate à corrupção, violência contra a mulher, entre outras).

De acordo com a página da organização, a Avaaz “tem uma única equipe de atuação mundial, com a missão de trabalhar com qualquer questão de interesse público”. Essa característica singular os leva a uma condição bastante peculiar, pois todos são igualmente importantes no processo de mobilização e a dimensão política da atividade socialmente responsável é capaz de alcançar frutos com extrema confiabilidade e retorno dos demais integrantes da sociedade civil.

Capítulo 2:

O Indivíduo na Rede: um relato investigativo

Conforme os avanços da Internet podem nos indicar, e os relatos listados no capítulo anterior nos confirmam, é possível afirmar a existência de diversas formas de organização dos indivíduos (e, por conseguinte, das estruturas coletivas) dentro do espaço virtual. Partindo desta premissa, optei por investigar detalhadamente as redes sociais e os interesses das pessoas nelas envolvidas em pertencer a cada uma dessas redes.

De antemão, percebi como, no caso do Twitter, ferramenta com a qual eu mantinha menor familiaridade, seria difícil adquirir uma grande quantidade de seguidores em tão pouco tempo, visto que eu precisaria dominar o microblog e suas nuances, além de dedicar muitas horas nesta atividade, algo que seria inviável ao longo deste trabalho.

Mesmo assim, os resultados me foram satisfatórios, pois os contratempos enfrentados me levaram a rever a estratégia inicial de divulgar os resultados da pesquisa e, ainda acreditando na possibilidade de realizar as entrevistas, disseminá-las via Twitter. Quando optei pela mudança de abordagem, preferi enfatizar nos temas que me eram mais palatáveis e com os quais encontrava maior identificação.

Com base nisso, nos primeiros dias procurei seguir pessoas ligadas ao esporte (futebol, no caso, concentrando preferencialmente em membros que listassem informações ligadas ao Fluminense Football Club, clube para o qual torço, e o Campeonato Brasileiro), a fim de verificar a eficácia do Twitter como fonte de informação. Passei a seguir um fórum de notícias sobre o Grêmio, mas rapidamente o descartei como fonte de investigação, pois me dispersaria muito do objetivo inicial.

De fato, muitas coisas se tornam disponíveis através do microblog com rapidez, e depois são repassadas ou coletadas por outros veículos, como o portal globoesporte.com ou o esportes.uol.com.br, com relativa rapidez, mas não cheguei a encontrar nenhuma informação inédita ou algo que fosse desmentido, o que me levou a crer que o Twitter poderia ser usado para acompanhar este tipo de notícias, desde que o usuário dispusesse de tempo para manter-se conectado.

Logo em seguida, passei a me concentrar em outro aspecto importante para mim: a música. Como já era sabido que muitos artistas utilizam as redes sociais como espaço de divulgação de shows, exibição de clipes (integrados ao youtube, outra rede social de exibição de vídeos que não fora contemplada nesse trabalho) ou informações gerais sobre novos álbuns, sugestões de músicas ou comentários de fãs sobre suas obras, achei que seria mais interessante investigar este nicho de pesquisa.

Assim sendo, procurei artistas, produtoras e eventos de Rap, ou ligados à cultura Hip-Hop, pois me identifico com a proposta musical e percebo neles uma grande potencialidade no trabalho autônomo e independente, apropriando-se da rede para lançar o material fonográfico gratuitamente (postando links de músicas para compartilhamento de arquivos), divulgando os eventos com os quais se associam e outros artistas com os quais colaboram.

Em alguns casos, encontrei também perfis que remetiam a trechos de músicas, o que me agradou em demasia, pois percebi neste tipo de iniciativa uma ferramenta de divulgação agradável, sem ser invasiva e que permitia aos artistas agregar novos fãs. Neste processo, gostaria de destacar o trabalho do MC Emicida, de São Paulo (twitter.com/emicida), um cantor de rap cuja obra é disponibilizada através de uma gravadora independente, chamada Laboratório Fantasma, (twitter.com/lab_fantasma ou [@lab_fantasma](https://twitter.com/lab_fantasma)), que também produz outros artistas que não dispõem de espaço na grande mídia.

O “rapper” paulista concentra grande parte das suas postagens na divulgação do seu trabalho, dos lugares por onde excursionará, informando também das atividades e eventos de outros artistas, como o MC Kamau, (twitter.com/Kamau_ ou [@Kamau_](https://twitter.com/Kamau_)), MC Marechal (twitter.com/mcmarechal ou [@mcmarechal](https://twitter.com/mcmarechal)), além de portais, rádios “online”, revistas digitais sobre música e comportamento, programas de televisão e blogs que contemplassem a temática do Hip-Hop ou da cultura de rua, tais como: [@radioboombshot](https://twitter.com/radioboombshot) (twitter.com/radioboombshot); [@maissoma](https://twitter.com/maissoma) (twitter.com/maissoma); [@per_raps](https://twitter.com/per_raps) (twitter.com/per_raps ou <http://www.perraps.com.br/>) [@manoseminastv](https://twitter.com/manoseminastv) (twitter.com/manoseminastv ou <http://www.tvcultura.com.br/manoseminas/>).

Analisando o processo de divulgação contido em todos os links listados acima, ficou claro como a postura independente contribuía e referendava a proposta do rizoma prevista por Deleuze, pois todos recebiam retorno dos fãs em acessos, participação em shows, comentários e acessos

aos sites, o que me satisfaz bastante, pois acredito que, ainda sem dominar os conceitos propostos pelo teórico francês, o disseminavam na prática com incrível precisão e naturalidade.

Para ilustrar o que verifiquei nessa dinâmica estrutural daquilo que classifico como “Nova Escola do Rap Independente”, ou seja, o grupo de artistas e produtores culturais envolvidos na ampla teia de relações explicitada acima, acabo por recorrer ao conceito proposto por Deleuze quando o autor trata do “Princípio de Multiplicidade”, ou seja:

“Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (...). Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade não remetem à vontade suposta uma de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16)

A relação proposta entre a estrutura naturalmente ordenada entre os artistas independentes que, ramificam os seus talentos e atividades profissionais com uma intrincada teia de colaboração se mostra um exemplo nítido de como os ramos rizomáticos se fundem, entrecruzam e percorrem distâncias sem qualquer tipo de antagonismo. Não há uma liderança, ou sequer uma hierarquia, mas todos se ajudam mutuamente, de maneira espontânea e conseguem um espaço que jamais seria possível a todos se recorressem aos processos naturais de divulgação e distribuição midiática, pois neste caso estariam sujeitos a outras forças que os tensionariam, moldariam e formatariam suas obras ou posturas, sendo que, para ingressar nessa indústria musical cada vez mais competitiva, dificilmente conseguiram o mesmo espaço para todos.

A partir dessa iniciativa, os próprios artistas conseguem moldar e recriar as suas possibilidades de trabalho, contribuindo para a formação de um público atuante e fiel, que reconhece as semelhanças e interrelações entre os próprios artistas, o que os permite uma coesão no campo da autoria, das possibilidades de intervenção e controle totais sobre as próprias obras, juntamente com uma estruturação coletiva ainda maior e que seria impossível caso cada um

estivesse sob a orientação de uma gravadora considerada tradicional, pois ali há uma gama de aspectos comerciais (de divulgação, agendamento de shows, divulgação midiática de determinadas músicas para atender interesses de determinados programas visando um apelo e retorno imediato) que acabariam por se sobrepor ao próprio talento ou a autonomia criativa dos artistas envolvidos.

Fica claro que, quando um músico obtém sucesso através da atuação de uma grande gravadora, os lucros costumam ser bem maiores, entretanto, o rizoma permite que artistas independentes desfrutem de uma segurança bem maior do que era possível em outros tempos e os mesmos podem desenvolver suas carreiras através de uma via paralela que os permite prescindir das grandes gravadoras e anunciantes, sem perder a dignidade ou sua qualidade de vida.

Para comprovar isso, podemos nos reportar à matéria presente no portal “Per Raps”, na qual vemos que o “rapper” Emicida vendeu mais de 10 mil cópias do seu primeiro álbum, intitulado “Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe”, sem contar com qualquer apoio corporativo nas etapas de divulgação, organização, distribuição ou logística, cobrando R\$ 5,00 por cada cópia vendida, sem abrir mão do profissionalismo ou da qualidade.

Ainda na realidade do Twitter, encontramos também um espaço para outra iniciativa até certo ponto semelhante, organizada pelo poeta e agitador cultural (e também paulista) Sérgio Vaz (@poeta sergiofaz ou twitter.com/poetasergiofaz), responsável por organizar e divulgar através do seu blog (<http://www.colecionadordepedras.blogspot.com/>), um evento de grande repercussão na cena poética paulistana, chamado: “Sarau da Cooperifa”, que conta com o apoio da Cooperifa, uma entidade que busca capacitar e levar a arte aos habitantes das regiões periféricas, permitindo que os mesmos possam se apropriar de um tipo de cultura que tradicionalmente se mostra restrita aos círculos de classe média ou da elite, permitindo que os mesmos se familiarizem, criem, produzam a sua forma autônoma de arte, ressignificando-a de acordo com os seus anseios e com as suas formas singulares de expressão.

Fica claro, mais uma vez, como a descentralização presente no espaço virtual e expressa na articulação entre o saber rizomático e o fenômeno da “linkania” estão integrados e são focos efervescentes de criatividade latente para quem consegue entendê-los e, mais do que isso, se apropriar dos mesmos. Ou seja, é compreender como:

“A colaboração reaparece como um das formas de diminuir a fricção entre a sociedade e os anseios das pessoas. Surge uma consciência inequívoca de que a construção de baixo para cima tem muito a oferecer em termos de projetos coletivos. E assim, tudo muda. (...) Porque colaboração é processo, trata-se de produzir independente de retornos financeiros em curto prazo.” (DIMANTAS, 2010, p. 44-45.)

No caso do Skoob, rede social de leitores e amantes do livro, ocorre um outro fenômeno significativo, mas que opera de outra maneira. De acordo com a rede estabelecida, o que se verificou foi uma valorização crescente de autores novos e independentes, escrevendo em língua portuguesa e sem apoio de editoras grandes, mas estabelecendo um canal direto entre autor e o seu público.

O maior exemplo dessa iniciativa diz respeito ao livro “A Batalha do Apocalipse”, de Eduardo Spohr, que vendeu inicialmente cerca de 4 mil exemplares sem qualquer apoio de uma rede de distribuição de uma grande editora. Conforme afirma Ronaldo Pelli, no portal de “O livreiro”: *“Essa vendagem, é bom ressaltar, foi alcançada só pelo site da sua editora, sem a ajuda de livrarias, de uma grande editora dando ajuda promocional ou de resenhas em jornais tradicionais. Spohr é cria da Internet e da sua diversificação de gostos e proliferação de nichos.”* (PELLI, 2010)

Verificamos aí um exemplo de obra que surge na rede e para a rede, pois certamente o autor teve a sensibilidade em se aproximar dos seus leitores, preparando uma obra sob medida para um público capaz de apreciar o seu trabalho, sem se preocupar em atender aos interesses de uma grande editora e contando com uma interferência direta no seu trabalho. Assim, apenas com a identificação do grupo com a obra em questão, foi possível alcançar esse resultado tão significativo.

O caso do Facebook foi mais singular, pois eu possuo uma atuação constante dentro dessa modalidade de rede social. Por esse motivo, declaro que sua interface é significativa na tentativa de promoção de afetos, pois está amparada numa espécie de feedback constante daquilo que é comentado, lido, “linkado”, em qualquer momento. Quando você comenta algo no perfil de outra

pessoa e ela mesma (ou qualquer outro usuário) responde, o sistema automaticamente gera uma notificação, permitindo que a história não se encerre nela mesma. Por esse motivo, as conversas adquirem uma perenidade maior, pois um assunto comentado em um dia pode voltar à tona semanas depois, bastando que alguém o “resgate”.

Além disso, o Facebook dispõe de uma série de aplicativos que realizam testes de personalidade (“quizzes”) sobre os mais diversos temas, passando por assuntos triviais ou com um toque de humor, o que garante uma reação imediata das pessoas através da identificação com o assunto. Além disso, a rede social dispõe de uma gama de jogos que contam com a colaboração dos integrantes das suas listas de amizade, como o “Farm Ville”, “Máfia Wars”, “Café World”, entre outros, cuja característica em comum trata da necessidade em ter um grande número de amigos participando dos jogos para que eles possam trocar presentes e outros objetos na tentativa de tornar o personagem virtual mais poderoso.

Ainda que seja uma troca até certo ponto estéril, em um primeiro momento, essa necessidade de incorporação de novos integrantes aos jogos acaba contribuindo para a adesão de pessoas desconhecidas na sua lista de amigos, que podem ser de qualquer nacionalidade, conforme a minha própria experiência afirma.

Chega a ser até certo ponto inusitado, mas o relato pessoal merece registro, pois, durante cerca de 8 meses que joguei “Máfia Wars” um jogo cuja finalidade é altamente amoral, pois trata da escalada de um gangster no mundo do crime, onde ele deve roubar, matar, extorquir, chantagear, subornar, adquirir bens e armas com o dinheiro sujo do crime, fiz contatos com pessoas de todo o mundo, conversando e aprimorando o meu inglês.

Além disso, tive a sorte de estabelecer contatos afetivos com pessoas do meu próprio país, sendo um desses contatos extremamente positivo e gratificante. Digo isso, pois abandonei o jogo, dada a minha incapacidade em acompanhar as mudanças que os programadores aplicam constantemente como forma de manter o interesse dos participantes, mas os contatos com a pessoa em questão (cujo nome sou forçado a manter em sigilo por motivos pessoais da parte dela) se intensificaram de maneira inversamente proporcional ao meu envolvimento com o jogo.

Outro aspecto relevante do Facebook fala da possibilidade que a rede social oferece ao permitir que o usuário seja capaz de escolher interesses, conforme relatado. Quando você sinaliza que gosta de uma determinada banda, refeição, escritor ou cidade, você acaba se agrupando com outras pessoas, além de identificar quais dos seus amigos compartilham do mesmo gosto que

você. A partir desta possibilidade, muitas pessoas se empenham em estabelecer novos contatos interativos. No meu caso pessoal, o Facebook também me permitiu reencontrar no campo virtual antigos amigos de escola e vizinhos, através da varredura de perfis existentes na mesma cidade e outras informações pessoais.

O cenário político sofreu inúmeras transformações por conta do crescimento das redes sociais. Nas últimas eleições, foi significativo o número de pessoas que se manifestaram (a favor ou contra) na escolha dos candidatos, incluindo imagens alusivas a determinado político ou detratando outros. O maior exemplo disso pode ser visto na chamada “onda verde” que aumentou a contagem de votos da candidata Marina Silva (PV), quando comparamos o cômputo geral com as pesquisas de opinião.

Além deste aspecto, a condução do debate religioso ao longo das eleições também foi mediada pela repercussão do mesmo nas redes sociais, conforme declara Zenóbio Fonseca, ao afirmar que a realização do segundo turno também se deu por uma ampla campanha dos blogs e endereços de cunho cristão e evangélico pregando um direcionamento moral a favor de temas como fé, cidadania e aborto.

Após as eleições, houve uma campanha covarde contra a população nordestina promovida via Twitter por uma jovem chamada Mayara Petruso, culpando a região onde a candidata petista, Dilma Roussef recebeu a maior votação. Pelo microblog, a jovem incitava os seus seguidores a matarem nordestinos residentes no Estado de São Paulo, através de frases como: “Nordestino não é gente. Faça um favor a SP, mate um nordestino afogado”. A polêmica foi tão grande que Petruso teve sua conta no Twitter removida pelos administradores da rede.

Capítulo 3:

Conclusão:

Ao longo de todo o trabalho, fui apreendendo e comentando determinados aspectos sobre a natureza das relações estabelecidas no plano das redes sociais e, a partir dos inúmeros exemplos listados, pude definir algumas posições sobre as relações rizomáticas e a idéia de “linkania” no espaço virtual, visto que ambos os conceitos são complementares e análogos entre si.

Com base na minha experiência pessoal, pude perceber que as pessoas estão desejosas de se relacionar, a hiperconectividade contribui muito para exacerbar este desejo e o espaço virtual constitui um palco adequado para isso. As pessoas podem se revelar nele da maneira que acharem melhor, suprimindo defeitos, mentindo ou, na melhor das hipóteses, se mostrando com o melhor daquilo que apresentam.

Independente dos excessos que possam existir nas plataformas virtuais, pois não é o objetivo deste trabalho estabelecer uma classificação moral daquilo que ocorre de certo e errado, positivo ou negativo na conduta individual dentro das redes sociais, o que se vê é uma busca pela troca, pelo contato com o outro, pela “linkania”.

Quer seja através de um amigo em comum, ou por uma preferência musical, por um projeto de trabalho, um convite a uma festa, ou por uma interação promovida dentro de uma interface virtual de um simulador da vida real, as pessoas estão desejosas de trocar, de buscarem o outro, de alcançar o universo simbólico do desconhecido, mas muitas vezes não sabem como fazê-lo.

É nesse ponto que entra o afeto verdadeiro, o sentimento de unidade, de integração e de pertencimento. Somente a partir dele é que podemos acessar os “coletivos humanos”, instância fundamental na integração da nossa sociedade, seja pelo plano do real ou na esfera do virtual, pois, segundo Pierre Levy:

“(…) o psiquismo é, desde o início, e por definição, coletivo: trata-se de uma multidão de signos-agentes em interação, carregados de

valores, investindo com sua energia redes móveis e paisagens mutáveis. (...)

Um imenso jogo afetivo produz a vida social. Um papel de seleção e de apresentação seqüencial desempenhado pelas consciências nas pessoas é cumprido de um jeito ou de outro nas coletividades por estruturas políticas, religiosas ou midiáticas que habitam em troca os sujeitos individuais.” (LEVY, 1996, p. 109).

Dessa forma, cumpre compreender como as pessoas, nas novas configurações sócioafetivas contemporâneas buscam se relacionar, sem condenar tais configurações. A tentativa de interação, ainda que por uma interface aparentemente fria, distante e estéril, como se apresenta o espaço virtual, pode ser o primeiro passo para a criação de verdadeiras redes de conhecimento (Dimantas, 2010), pautadas na estrutura rizomática como elemento integrador e capaz de propiciar um modelo colaborativo para as próximas gerações.

A minha própria experiência pessoal pode contribuir para mostrar como esse processo se estrutura. Ao longo deste trabalho, me confrontei com uma série de questões envolvendo o tema do afeto e o conflito entre distância-proximidade na esfera do virtual, pois o virtual, na sua descentralizada multiplicidade de posições e situações que oferece, não pode ser fim, mas sim meio, mídia ou suporte para o afeto concreto, palpável.

Através do contato com as redes sociais, com essa investigação, ironicamente pude encontrar o amor, percebi como as pessoas, se devidamente estimuladas, podem romper as fronteiras digitais na tentativa de construir um futuro melhor, mais humano, menos frio e perverso.

Dimantas (2010) vai novamente contribuir para este entendimento, pois complementa a noção de rizoma defendida por Deleuze quando afirma que “O rizoma garante a produção de subjetividades” (p.74). Talvez esteja nessa percepção a chave de um novo mundo calcado na aproximação, na ruptura das barreiras entre o virtual e o real, na crença de que a “linkania” só é possível quando sair das telas dos PCs, jogos eletrônicos e “notebooks”, para estimular um modelo de aprendizagem colaborativa onde os outros se encontrem (e queiram se encontrar) para

estabelecer a troca de informações, valores, saberes, desejos e afetos, como repetidas vezes se falou neste trabalho.

O caminho é o da conectividade, não através de bits, bytes e códigos binários, mas sim na compreensão de que a colaboração é o caminho. Pessoas se conectam e não máquinas, e essa é a hora de procurar promover uma sociedade que parta para a ação conjunta, valorizando o coletivo, através do amor, da fraternidade, do respeito mútuo, rompendo com o individualismo estéril da tecnologia estática, que não favorece a troca. Máquinas executam, homens pensam, amam, criam e sentem, com maior eficácia quando atuam em conjunto.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas - SP, Papirus, 8ª Edição, 1994.

AMARAL, A., NATAL, G., VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, ed. 20, Dez.2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829>

DELEUZE, Giles e Guattari, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo, Ed. 34, 6ª Reimpressão, 1995.

DIMANTAS. Hernani. Linkania: uma teoria das redes. São Paulo. Ed. Senac São Paulo, 2010. Disponível em: <http://pub.descentro.org/midia/linkania.pdf>

LEVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo, Ed. 34, 9ª Reimpressão, 1996.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. Revista eletrônica Razón y palabra. N.41. out./nov. 2004

PELLI, R. Eduardo Spohr: o autor de 'A batalha do Apocalipse'.04/03/2010. Disponível em: <http://oliveiro.com.br/blog/2010-03-04-eduardo-spohr-o-autor-de-%E2%80%98a-batalha-do-apocalipse%E2%80%99>

RODRIGUES, Aroldo, ASSMAR, Eveline e JABLONSKI, Bernardo. Psicologia Social. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 18ª Edição, 1999.

<http://www.avaaz.org/po/about.php>

<http://br.noticias.yahoo.com/s/04112010/48/manchetes-ofensas-nordestinos-no-twitter-ganham.html>

<http://www.perraps.com.br/2010/07/26/emicida-comeca-producao-da-nova-mixtape/>

<http://oliveiro.com.br/blog/2010-03-04-eduardo-spoehr-o-autor-de-%E2%80%98a-batalha-do-apocalipse%E2%80%99>

<http://www.overbo.com.br/portal/2010/10/14/onda-verde-ou-onda-crente/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ativismo_na_Internet

http://pt.wikipedia.org/wiki/Bbs#Breve_historia

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cibercultura>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#Nomenclatura>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Skoob>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/verbeat_pesquisa_blogosfera_brasil_rel_v1.pdf



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Rodrigo Cruz Silva - 20041351033

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Redes Sociais, O fenômeno: Compreendendo a importância da linkania e das relações rizomáticas dentro da sociedade virtual

ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Alberto Roiphe

Nota : 8,0

Considerações:

O aluno não problematiza o tema, o que tem como consequência a falta de argumentação em seu texto. Sendo assim, a monografia se limita à exposição de ideias sobre redes sociais. Não ocorre também relação entre o tema escolhido e o meio de Educação.

DATA: 20.12.2010

Assinatura: [Assinatura]

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Albernaz de Medeiros

Nota: 8,0

Considerações:

O tema escolhido é muito original e contemporâneo. O referencial teórico escolhido está muito pouco explorado e, por isso, fica subutilizado impedindo a análise a monografia. Questões que podem e devem ser mais discutidas e analisadas por profissionais da Educação.

Data: 20.12.2016

Assinatura: Sandra Albernaz de Medeiros

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8,0	8,0	8,0

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2016.

Sandra Albernaz de Medeiros

Prof. Orientador